**Ana Catarina Mendes**

Queria, em primeiro lugar, agradecer ao Dr. Vítor Ramalho, não apenas por me ter convidado para a apresentação desta “Crónica de uma Amizade Fixe”, mas por ser meu amigo e por me ter acompanhado ao longo destes anos e continuar, por muitos mais anos a acompanhar também a minha vida e é disso que faz a nossa vida, o sabor da vida faz-se com os amigos, que todos os dias nos ensinam mais qualquer coisa. Permitam-me que vos diga que o primeiro sentimento que tive quando li esta crónica, num folgo só, foi uma enorme saudade. Uma enorme saudade de Mário Soares, sem dúvida, uma enorme saudade de Maria Barroso. Mas eu não posso estar nesta sala, com tantos amigos, de alguns que eu quero destacar. Saudade do meu amigo António d’Ornellas e tudo o que ele trouxe na história da vida democrática a Portugal e com ele, lembrar também o António Janeiro, mas lembrar também o professor Mário Ruivo por tudo o que trouxe, quando hoje se fala tanto do mar, da inovação, não é possível falar da história da democracia sem falar também destas inovações e sem falar destas pessoas. E, por isso, permitam-me que nestes três nomes simbolize a saudade de muitos de vós, mas que eu, mais nova do que alguns, também sinto por aquilo tudo que me trouxeram e que fizeram que eu aprendesse e quisesse conhecer mais.

Este livro não é apenas de homenagem da amizade de Vítor Ramalho por Mário Soares, mas é um testemunho daquilo que tem sido a nossa história democrática, com tantos homens e tantas mulheres que a souberam construir. E por isso não quero ocupar-vos muito tempo, porque este é o tempo de Vítor Ramalho nos dizer aqui o que sente hoje também. Mas é verdade que se estamos aqui para ouvir o Vítor Ramalho, estamos aqui também para falar sobre este livro que agora nos deixa e falar do seu amigo e também o nosso amigo, Mário Soares, que é afinal o alfa e o ómega desta nossa crónica que está à disposição. É um livro que é, acima de tudo, um grande hino à amizade, à profunda e leal amizade que os uniu e que ainda une ao seu querido, ao nosso querido, Mário Soares. Sente-se, ao ler estas linhas, que Vítor Ramalho, todos os dias continua a ouvir a pergunta de Mário Soares “*Então e as novidades? Quais são as novidades?*” e todos os dias, o Dr. Vítor Ramalho, tem uma conversa.

Tirando as últimas linhas deste livro e com isto não quero tirar a nenhum de vós o prazer que vão ter, quando puderem ler o livro, o que recomendo mesmo, estas linhas de que falarei um pouco mais adiante, o Vítor conseguiu quase sempre escapar ao tom da elegia. Dizem os dicionários que a elegia é uma poesia triste, melancólica ou complacente e um lamento de morte. Mas, verdadeiramente, o que este livro não é uma elegia da amizade, este livro é sim, um hino à amizade, e uma amizade fixe. Esta é a melhor maneira de homenagear Mário Soares. Aquele Mário Soares que todos conhecemos, poucos de nós, tanto e tão bem como Vítor Ramalho e cuja alegria de viver, a combatividade nos contagiou a todos e continua a ser uma referência. E é esse Mário Soares corajoso, combativo, animal político, bem resolvido e de bem com a vida, uma personalidade que aliava a simplicidade e a complexidade, que atravessa todo este livro, que se lê de um trago só. É pelo menos essa a sensação com que fiquei e peço desculpa ao Vítor se me engano rotundamente. Mas parece ter sido escrito, também ele, de um só folgo. Como uma pena a correr um, “*n'y voir que de l'azur*” (exp. numa rajada só), uma crónica a que se intitula, toda ela muito adequada e que se baseia nos pequenos, médios e grandes episódios que partilhou com o seu amigo.

Este é também um livro de uma profunda, profundíssima, ternura. A começar na imensidão de vezes em que o Vítor se refere a Mário Soares com a mais simples e mais bela das expressões, “*o meu amigo*”, o senhor padre contou noventa e seis, eu não tive coragem de contar. Mas está quase em todas as páginas, das duzentas e cinco, que compõem o livro. Aliás é o próprio autor que diz ao que vem, já muito perto do final do livro, ao descrevê-lo, sintomaticamente, como um afago de memória, porque nesta crónica de amizade falasse do grande político e estadista que foi Mário Soares. O Vítor Ramalho aborda alguns dos grandes temas nacionais e internacionais que foram marcando a agenda das últimas décadas. Falasse do Soares oposicionista à Ditadura, do Secretário-geral do PS, do Primeiro-Ministro e Presidente da República, mas fala, sobretudo, do seu amigo. Porque o valor da amizade e da lealdade a essa amizade se sobrepõe qualquer um dos outros.

É certo que em Mário Soares, como talvez em nenhuma outra personalidade do nosso conhecimento, seja difícil distinguir entre o Homem e o político, porque essas são duas condições que estão intimamente ligadas. Soares respirava política por todos os poros, vivia política e comia política, mas também vivia a vida e gostava de comer bem. E já agora, meu caro Vítor, não deixa de ser sintomático nesta crónica, sobretudo porque isso nos diz de Mário Soares, é que todas as notas de pessimismo nos vários diálogos que aqui são citados, sejam introduzidas não por Mário Soares, mas pelo autor, Vítor Ramalho. Não são poucos os episódios aqui contados em que perante à reserva, a descrença, a incompreensão e até o puro e simples pessimismo de Vítor Ramalho perante as mais diversas situações e, normalmente, de natureza política, surge o contraponto de pragmatismo, compreensão e otimismo de crença no futuro e nas pessoas, por parte de Mário Soares, que bem se pode dizer, “*avant la lettre*” (exp. antes de o termo existir), um primeiro e inesquecível exemplo para todos nós de um incorrigível otimismo. Tenho de confessar que o meu lápis também diz o que é ser otimista, porque eu também sou uma otimista incorrigível, embora não como o Dr. Mário Soares. Mas com uma imensa capacidade para olhar para o futuro traduzida na frase que ele, tantas vezes dizia e várias vezes citada neste livro, “*O passado é o passado*” ou naquela outra, da autoria de Sebastião da Gama, amiga e colega de Maria Barroso e que, Vítor Ramalho diz neste livro e que sintetizava o mundo visto por Mário Soares, “*Pelo sonho é que vamos*”.

Este é um livro que se lê com enorme prazer, sobretudo para quem julgo, como julgo que somos todos que estamos nesta sala, gostamos de Mário Soares tal como ele foi, tal como ele é. Um homem simultaneamente simples e complexo, longe da perfeição, com certeza, mas sempre convicto, amigo do seu amigo e com uma capacidade de ver mais longe e muito para lá da espuma dos dias. Com uma intuição política muito acima da média que o fez estar, quase sempre, do lado certo da história. Cabendo-me a mim a honra e o gosto de estar aqui, a apresentar esta obra, não ficaria bem comigo própria se não agradecesse também ao Vítor a simpática referência que também me é feita, a propósito da minha eleição para Presidente da Federação Distrital de Setúbal e também da sua, para a qual contei com a amizade e apoio permanente de Vítor Ramalho. Amizade que muito me honra, que muito prezo, alguém que muito me ensinou e muito me continuará a ensinar.

Meu caro Vítor Ramalho e meus queridos amigos, permitam-me agora que o trate também a si como meu querido camarada e queria também lhe dizer que li o último capítulo desta sua crónica. E que é assim, como que uma espécie de sussurro intimo, que mantem com o seu nosso amigo, como que uma interpelação. Uma interpelação ás elites e aos políticos de hoje. Mas também às elites e aos políticos de amanhã, a sua preocupação com a nossa alma, com a alma de Portugal que vai muito além dos números que reconhece estarem a correr de afeição, não pode deixar de nos inquietar. E talvez o último capítulo deste livro seja para aqueles que, como eu, estamos na vida política ativa todos os dias. Se há coisa que lhe prometo é que há uma não falta de convicção e determinação, também não, e coragem, também não. Porque para além dos números, por trás dos números, estarão sempre as pessoas que nos movem todos os dias na ação política.

Podia citar-lhe aqui uma música que trago sempre comigo, de José Mário Branco, que tem exatamente esse título, e que nos diz que “*(Pois) falta sempre um pouco para chegar. Eu não meti o barco ao mar. Pra ficar pelo caminho (…) Há sempre qualquer coisa que eu tenho que fazer. Qualquer coisa que eu devia resolver. Porquê, não sei. Mas sei que essa coisa é que é linda*”. O que quero dizer-lhe, para terminar, meu querido amigo Vítor Ramalho é que a inquietação é sempre um bom ponto de partida para o futuro e não nos devemos deixar angustiar ou paralisar senão momentaneamente, espero que a sua inquietação não equivalha a qualquer espécie de pessimismo. Lembre-se sempre do seu nosso amigo que dizia “*Pelo sonho é que vamos*”. O legado de Mário Soares é exatamente esse, sermos permanentemente inquietos, sabermos transformar a inquietação em ação, para podermos fazer um país e um mundo mais justo e solidário, onde as pessoas, todas as pessoas, tenham a oportunidade de se realizar. É essa a nossa responsabilidade, agora o que interessa, dir-lhe-ia o Dr. Mário Soares é o Futuro, que começa também pelo seu neto. Mas o futuro faz-se com memória e, por isso, o Dr. Vítor Ramalho não podia deixar de fazer esta crónica. Para que ninguém se esqueça do que têm sido estes anos e do que foi a construção da Democracia.

Esta “Crónica de uma Amizade Fixe” é para além de um hino à amizade, que referi ao início, um bom contributo para a nossa permanente inquietação. Como sua amiga, como sua camarada e agora, também, como sua leitora, para além de ter ficado a conhecer um pouco melhor Mário Soares, agradeço-lhe do fundo do coração essa sua capacidade que também partilha, com esse seu nosso amigo, para nos inquietar. É também para isso que servem as amizades fixes, obrigado Mário Soares e obrigado “Grande Vítor”, se me permite.